

A “MULHER” DO ANTÔNIO

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Era o ano de 1970, lembro-me bem porque foi o ano do tri, uma de minhas referências históricas. Finalmente, depois de muitos anos ensaiando, a reforma da nossa casa se tornaria realidade.

Por questões financeiras, as obras seriam realizadas sem que nossa família abandonasse o imóvel. O adulto que sou hoje ficaria apavorado com essa situação, porém o menino de onze anos daquela época simplesmente adorou. Pra falar a verdade, mais que adorou, ele simplesmente vibrou com o verdadeiro parquinho que a casa se tornou, pilhas de tijolos e madeiras por todos os lados despertavam toda a criatividade que crianças podiam desenvolver – que “*pequeno construtor*” que nada, bom mesmo era construir as cidades imaginárias com tijolos de verdade – o que falar então do acesso permanente ao telhado, já que a escada estava sempre disponível?

Mas o melhor de tudo era o salto do telhado sobre o monte de areia que o caminhão havia despejado na frente da casa. Eu ficava enterrado até a cintura e nem é preciso dizer do desespero da mãe, não só com a segurança, como também com os milhões de grãos de areia entranhados nas roupas. Verdade que isso tudo quase me custou o ano letivo que só foi vencido através de um dispositivo educacional de então: “*segunda época*”, um último e definitivo exame, sempre feito às vésperas do ano letivo seguinte que tinha como custo as férias do verão. Voltando à reforma, obviamente foi necessária a contratação de mão de obra especializada, ou seja, pedreiros. A equipe que tocou nossa obra era composta por três pessoas: Seu José, o mestre de obras; Antônio, o pedreiro; e Adão o servente, os dois primeiros baianos, o terceiro mineiro. Com a convivência acabei desenvolvendo um certo grau de amizade com a turma. Não raro eles entravam nas brincadeiras, quando por exemplo, faziam sinal de parar para o ônibus imaginário que eu dirigia sentado sobre uma pilha de tábuas e tendo como alavanca de câmbio um pedaço de ferro de armação.

Teve vezes em que eu os ajudei de verdade, aprendi a pegar tijolos no ar que eram arremessados aos pares desde o solo em direção à laje.

Alguns aqui já devem ter visto esta operação em curso, é um movimento fascinante, os tijolos sobem além da altura necessária e são pegos já no movimento descendente, ótimo exercício para a coordenação motora. Minha família sempre foi muito acolhedora e, portanto, nunca houve censura sobre o relacionamento que desenvolvi com os pedreiros. Ao contrário, em certo sentido eles também participavam da interação. As obras se estenderam por quase um ano e minha mãe, muito faladeira, acabou descobrindo detalhes das vidas pessoais da equipe. Seu José, que deveria ter entre 45 e 50 anos era tio de Antônio, na época com 28. E por que eu lembro com exatidão a idade do Antônio? Porque ele já tinha um casamento arranjado para o ano seguinte, a noiva viria do interior da Bahia, da cidade natal da ambos. O que me deixou intrigado foi saber que a noiva tinha apenas 12 anos de idade!

A princípio não levei a sério essa informação, afinal como seria possível meu amigo pedreiro se casar com uma criança?

Minhas bases morais em formação não conseguiam aceitar esse tipo de situação, isso era coisa de cinema e de histórias de passado distante; no século vinte não se casava mais por acordo entre famílias e menos ainda com uma criança. Assim, através da negação, administrei a informação que havia chegado aos meus ouvidos. Ledo engano o meu, a história não só era verdadeira como acabou por se concretizar no ano seguinte.

Por conta da amizade desenvolvida durante o andamento das obras, tempos depois do final da reforma, a família resolveu fazer uma visita aos pedreiros na periferia de São Paulo. Foi nesta visita que eu ‘fotografei’ a cena que, até os acontecimentos de março de 2022, com a objetificação das mulheres ucranianas por parte do “*mamãe falhei*”, permanecera oculta nos cantos escuros de minha memória.

Os pedreiros dividiam um mesmo endereço, algo comum nas periferias dos centros urbanos brasileiros. Compra-se um terreno onde, ao longo do tempo, várias sub-residências são erguidas acomodando os parentes que chegam em busca de oportunidades de trabalho.

Ao chegar à residência da família dos pedreiros havia crianças brincando na rua, as meninas com suas bonecas e os meninos jogando futebol. Entramos, sentamos e, enquanto a esposa do seu José preparava o café, Antônio saiu em direção à rua, voltando em seguida para apresentar sua mulher, *uma daquelas meninas que brincavam quando chegamos*. É estranho como certos fatos permanecem ocultos em nosso subconsciente, meio que aguardando o disparo do gatilho.

Cinquenta anos se passaram e muita indignação rolou por debaixo da minha ponte até que eu recordasse esta situação bizarra e absurda.

Escândalos de assédios e estupro de várias matizes, inclusive infantis, objetificação, humilhação e feminicídios não foram capazes de me fazer recordar este fato que finalmente veio à tona neste 2022.

Credito este *flash back* a dois fatores igualmente importantes, o primeiro é o convite e a possibilidade de estar escrevendo nesta coluna. Provocações são, via de regra, saudáveis e nos fazem refletir sobre nossa própria vida. A outra é, provavelmente, a empatia com as ucranianas que, assim como “a Mulher do Antônio” estavam e estão vulneráveis à covardia das estruturas machistas que sobrevivem ao tempo, emperrando nossa evolução como seres minimamente humanos.

Certamente haverá quem argumente que a garota precocemente transformada em esposa deve ter tido uma vida “feliz” ou pelo menos “melhor” do que ela teria no sertão nordestino dos anos 1970. Absurdo! É inegável que ela foi vítima de várias violências, teve infância e adolescência roubadas, foi objetificada enquanto ser humano e não teve o mínimo direito de escolha ao ser entregue como um “*artigo de luxo ou mesmo um brinquedo de luxúria*” a um homem que comandaria seu destino dali para a frente. Ironicamente, pelo menos por algum tempo, a dona da casa, continuou a brincar de casinha. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.